

29 mar 2007

Nº 26



Aumento das importações não gerou desindustrialização

Por **Fernando Pimentel Puga**
Assessor da Presidência do BNDES

Brasil acompanhou tendência de maior intercâmbio comercial entre os países

Entre 2003 e 2006, as importações brasileiras cresceram 88% em valor, e 45% em quantum, o que corresponde a taxas anuais de crescimento de 24% e 13%, respectivamente. No mesmo período, a taxa de câmbio apresentou uma apreciação real de 26%¹. Este desempenho trouxe algumas preocupações quanto à trajetória da economia brasileira. A expansão das importações seria resultado dessa valorização e estaria levando a um processo de desindustrialização.

Diante desse cenário, o objetivo

¹ Cálculo feito a partir de dados da Funcex, que compara o real com uma cesta de 13 moedas e utiliza o IPA como deflator.

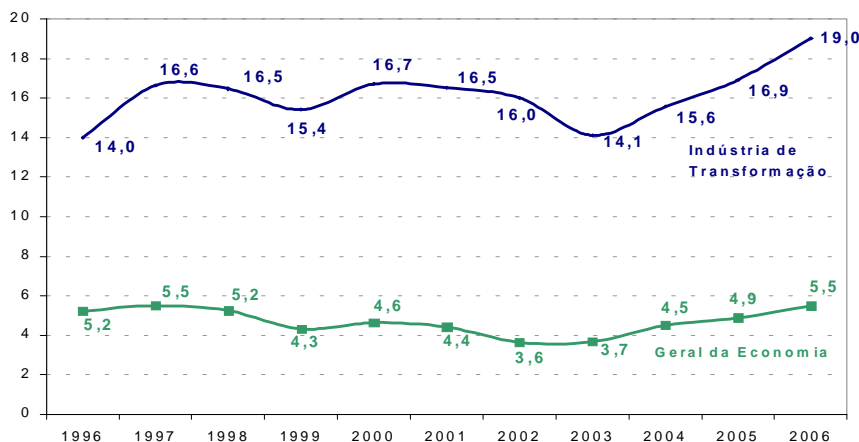
deste informe é avaliar o impacto do aumento das importações sobre a indústria de transformação, nos três últimos anos. A análise se estende, porém, ao período 1996 – 2006, o que permite uma maior sensibilidade sobre a magnitude das mudanças ocorridas nos anos recentes.

O estudo é focado no comportamento do coeficiente de penetração das importações. Este indicador mede a participação das importações no consumo doméstico, o que ajuda a identificar movimentos de substituição da produção nacional por produtos importados.

São feitas comparações internacionais, de modo a avaliar a dimensão dos

Visão do Desenvolvimento é uma publicação da Secretaria de Assuntos Econômicos (SAE), da Presidência do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. As opiniões deste informe são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente o pensamento da administração do BNDES.

Gráfico 1: Coeficiente de Penetração das Importações – Indústria e Geral (%)



Fonte: Funcex, IBGE, Secex, OMC e Banco Mundial (elaboração própria).

movimentos de troca do produto nacional pelo importado no Brasil. O estudo mostra também dados por setor. Assim, permite analisar se esses movimentos estariam levando a uma maior concentração da produção nacional nos setores industriais tradicionais.

O coeficiente de penetração das importações

O coeficiente de penetração das importações visa quantificar os aumentos da participação das importações no consumo aparente (produção – exportação + importação). Os dados estão em dólares, a preços constantes de 2000. Neste estudo, foram calculados dois coeficientes de penetração - geral da

² Existem diferenças entre os números apresentados neste estudo e os que foram apresentados em análises anteriores. O objetivo foi compatibilizar melhor os dados de preços, quantum e valor do comércio exterior. Para os oito últimos anos, no entanto, essas diferenças são menos significativas.

economia e da indústria de transformação. No primeiro, o coeficiente é calculado a partir dos dados de exportações e importações totais e do PIB da economia. No segundo, os dados referem-se apenas à indústria de transformação².

Como mostra o Gráfico 1, o coeficiente geral de penetração das importações ficou em 5,5%, em 2006. Dito de outra forma, a importação respondeu por uma pequena parcela do consumo doméstico de bens e serviços. Houve, contudo, um aumento de 1,8 ponto percentual no coeficiente, em relação a 2003.

Já o coeficiente de penetração das importações da indústria de transformação ficou em 19%, em 2006. Nota-se um expressivo aumento de 4,5 pontos percentuais, frente a 2003. Corresponde ao maior nível dos últimos dez anos. Verifica-se uma associação entre os movimentos do coeficiente e da taxa de câmbio. Os anos de

forte queda no coeficiente – 1999 e 2002 - foram também de significativa desvalorização cambial.

Coeficiente Geral da Economia
– Comparações Internacionais

A Tabela 1 mostra a evolução do coeficiente de penetração das importações da economia em diferentes países. Na média mundial, o coeficiente ficou em 15% do PIB, em 2006. É

possível perceber alguns padrões entre os países. O coeficiente de importações é mais

elevado no México e na Coréia do Sul - países com estruturas industriais integradas às de outras economias – com expressiva importação de insumos e bens de capital para produção voltada à exportação.

O segundo grupo é formado pelas maiores economias mundiais: Es-

tados Unidos, Japão e União Européia. Possuem estruturas produtivas integradas em seus países, mas com elevado grau de abertura, particularmente na indústria.

Finalmente, o terceiro grupo é constituído por Brasil, Rússia, China e Índia – os BRIC’s – são economias com grandes dimensões territorial e populacional. Apresentam estruturas industriais com alguma complexidade,

porém ainda com forte participação de setores intensivos em recursos naturais ou em trabalho, que demandam pouco de

outros segmentos produtivos.

Chama a atenção o fato de o coeficiente de penetração das importações ter aumentado, a partir de 2003, em todos os países analisados. A alta foi maior na China e na Rússia. No primeiro, acompanhou a expansão de setores com tecnologia diferenciada e baseada em ciência – materi-

Apesar do crescimento, coeficiente de importação do Brasil ainda está bem abaixo da média mundial

Tabela 1: Coeficiente de Penetração das Importações - Geral (%)

	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Coréia do Sul	23,6	21,8	15,9	17,9	21,4	17,7	16,7	19,8	23,5	25,3	n.d.
México	13,8	15,6	16,6	17,7	20,2	19,2	19,0	18,7	20,3	21,6	n.d.
União Européia (15)*	9,8	9,8	9,7	9,6	10,1	9,5	9,6	11,0	12,8	14,0	n.d.
Japão	11,7	11,1	9,3	10,1	11,8	10,4	10,0	11,1	12,5	13,3	n.d.
Estados Unidos	10,3	10,6	10,6	11,2	12,5	11,4	11,0	11,3	12,3	13,1	n.d.
Rússia	8,2	8,4	6,8	4,4	4,6	5,1	5,4	6,1	7,3	8,7	n.d.
China	4,1	3,8	3,4	3,7	4,6	4,4	4,9	6,1	7,4	7,8	n.d.
Brasil	5,2	5,5	5,2	4,3	4,6	4,4	3,6	3,7	4,5	4,9	5,5
Índia	2,0	2,1	2,0	2,0	2,1	1,9	2,0	2,3	2,8	3,5	n.d.
Mundo*	11,8	11,7	11,0	11,0	12,0	11,0	10,9	11,8	13,4	14,3	14,9

* Não considera o comércio intra União Européia.

Fonte: OMC, UNComtrade e Banco Mundial (elaboração própria).

Tabela 2: Coeficiente de Penetração das Importações da Indústria - 1996/2006 (%)

Setores	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Indústria de Transformação	14	17	16	15	17	17	16	14	16	17	19
Baseada em Recursos Naturais	6	6	6	5	5	4	5	4	4	4	5
Alimentos e Bebidas	5	5	5	5	4	3	4	3	3	4	4
Madeira	4	5	5	3	4	3	2	2	3	3	4
Papel e Celulose	12	14	15	10	10	8	7	7	8	8	9
Prod. de Min. Ñ. Metálicos	5	5	5	4	4	5	5	5	6	6	7
Intensiva em Trabalho	8	9	8	6	6	6	6	5	7	8	10
Têxtil	8	11	9	7	8	7	7	7	8	10	12
Vestuário	5	6	5	3	3	3	2	2	3	4	6
Couro e Calçados	10	10	8	5	6	5	3	3	4	5	6
Produtos de metal - exc. máq. e equip.	8	8	9	7	7	8	8	8	9	10	13
Móveis	8	9	8	6	6	7	6	6	7	8	8
Intensiva em Escala	14	16	16	16	17	17	18	16	17	17	18
Química	14	15	15	17	21	21	26	23	25	24	26
Borracha e Plásticos	9	10	10	10	10	11	12	10	11	12	12
Metalurgia	10	13	12	11	12	12	11	8	7	9	14
Veículos Automotores	19	24	25	19	17	15	12	11	11	12	13
Diferenciada e Baseada em Ciência	27	33	34	34	36	35	31	29	32	35	37
Máq. e Equipamentos	31	38	35	33	32	32	30	28	28	33	34
Máq. Escrit. e Informática	29	29	32	28	34	32	26	23	21	23	21
Materiais Elétricos	24	28	26	26	24	28	33	27	26	29	31
Mat. Eletrônico/Comunic.	20	25	32	36	40	39	31	34	39	45	51
Instr. Médicos e Ópticos	48	50	50	46	51	55	52	53	59	64	68
Aviação/Ferrov./Emb./Motos	26	44	43	47	59	45	23	17	28	25	27

Fonte: Funcex, IBGE, Secex (elaboração própria).

al eletrônico e equipamentos de informática – com aumento da importação de componentes eletrônicos. Na Rússia, decorreu do crescimento do comércio exterior do país, com o aumento das exportações de petróleo. Os coeficientes desses países, ainda que continuem a ser inferior à média mundial, descolaram do nível do Brasil.

A evolução do coeficiente no Brasil seguiu, portanto, uma tendência mundial de maior intercâmbio comercial entre os países. A penetração das importações no consumo doméstico ainda é baixa no Brasil - 5,5% do PIB, em 2006 -, quando comparada à média mundial.

Coeficiente da indústria - análise por setor

A Tabela 2 apresenta os coeficientes de penetração das importações para os diferentes setores da indústria de transformação, entre 2003 e 2006. Os setores foram agrupados por tipo de tecnologia, conforme tipologia sugerida pela OECD ("Structural adjustment and economic performance". Paris, OECD, 1987). Em quase todos os setores, houve aumento no coeficiente. A única exceção foi máquinas de escritório e informática.

Os maiores incrementos nos coeficientes foram em setores intensivos em trabalho, dobrando de 5% para

10%, entre 2003 e 2006. O coeficiente do setor têxtil, por exemplo, triplicou. A base de comparação, contudo, é bastante reduzida. Mesmo com esse aumento, a participação das importações no consumo doméstico dos setores intensivos em trabalho ainda é bem inferior a da média da indústria de transformação.

Os aumentos foram proporcionalmente menores em setores intensivos em escala, seguido pelos setores com tecnologia diferenciada ou baseada em ciência. Chama a atenção o setor de veículos

automotores, em que o coeficiente de 2006 ainda era a metade do nível registrado em 1998. Contudo, o coeficiente chegou a níveis recordes nos setores de: material eletrônico e comunicações; e de equipamentos médicos e ópticos.

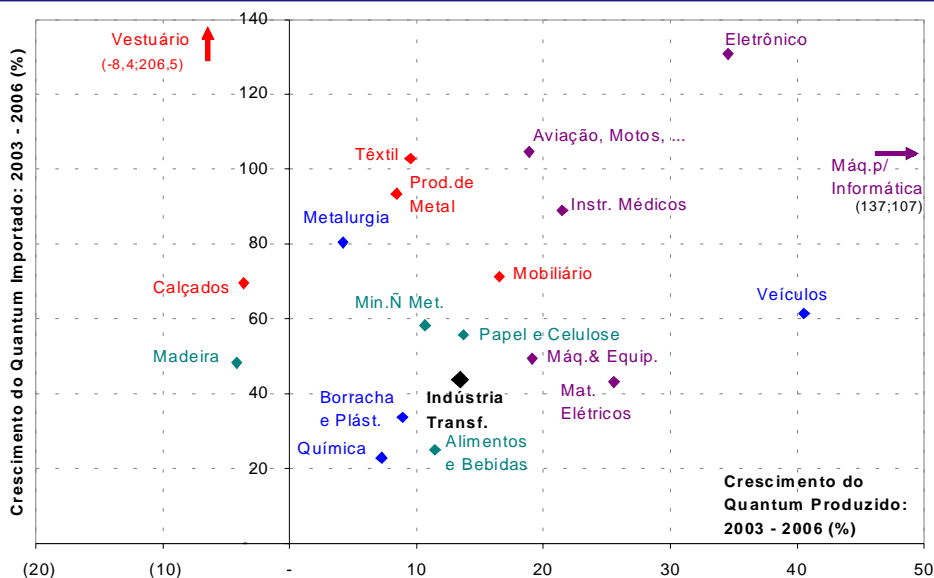
Nos setores intensivos em recursos naturais, a participação das importações no consumo doméstico, além de

baixa, tem se mantido relativamente estável – em torno de 5%, nos últimos dez anos.

A preocupação deste estudo é identificar se nos setores em que houve aumentos da participação de impor-

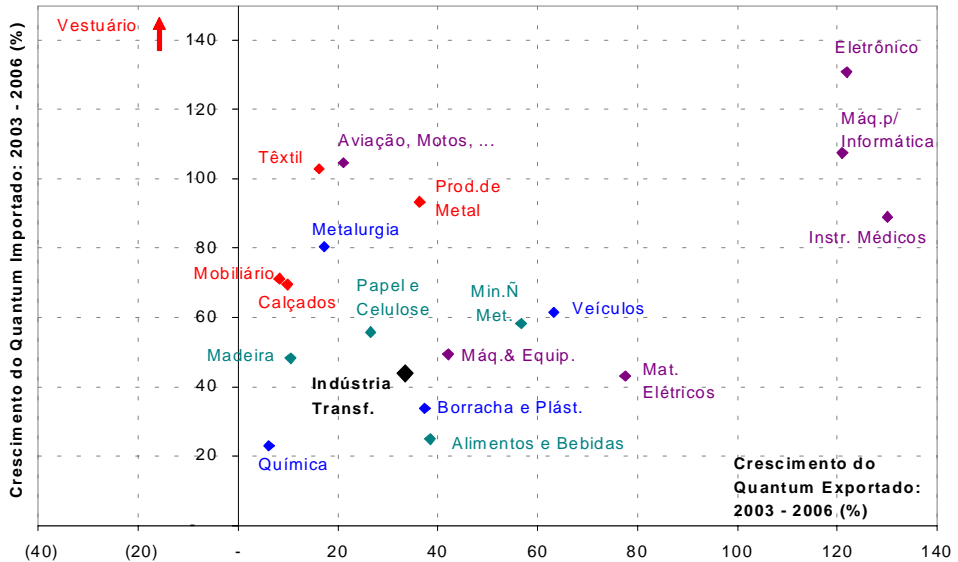
Nos setores em que mais cresceram as importações também houve uma forte expansão da produção nacional

Gráfico 2: Crescimentos do Quantum Importado e Produzido: 2003 – 2006 (%)



Fonte: Funcex, IBGE, Secex (elaboração própria).

Gráfico 3: Crescimentos do Quantum Importado e Exportado: 2003 – 2006 (%)



Fonte: Funcex, IBGE, Secex (elaboração própria).

tados no consumo doméstico estaria ocorrendo uma substituição da produção nacional por importados. Para tanto, o Gráfico 2 compara o crescimento do quantum importado com o produzido, entre 2003 e 2006. Nota-se que, em média, os setores com maiores aumentos nas importações apresentaram também maiores crescimentos na produção.

As substituições da produção nacional por importados ocorreram principalmente em setores intensivos em trabalho e que, portanto, têm uma parcela expressiva de gastos na moeda doméstica com mão de obra. Em vestuário e calçados, houve fortes aumentos das importações acompanhados por queda da produção nacional.

Os setores com tecnologia diferencia-

da ou baseada em ciência apresentaram expressivos crescimentos das importações, mas que foram acompanhados por fortes aumentos de produção. Dentre estes, destacam-se equipamentos eletrônicos e material de informática. Um movimento semelhante ocorreu em veículos (intensivo em escala). Acompanhando a expansão de 61% das importações, a produção do setor aumentou 41%. Pelos números da Anfavea, a produção de veículos no Brasil passou de 1,8 milhões de unidades em 2003, para 2,6 milhões, em 2006.

Um cenário semelhante aparece quando se comparam as importações e as exportações (Gráfico 3). Ambas tiveram um crescimento expressivo, quando se observa os setores com tecnologia diferenciada e baseados em

ciência. Trata-se de setores fortemente dependentes de insumos importados para a fabricação de seus produtos. Conforme Puga (2006)³, mesmo quando se restringe a análise às empresas exportadoras, o valor das importações é maior do que o das exportações nos setores de material eletrônico e equipamentos de informática.

As exportações também acompanharam o crescimento das importações no setor de veículos. Os acordos comerciais do setor têm contribuído para essa dinâmica. Nestes acordos é comum se estabelecer um mecanismo de intercâmbio compensado, no qual define-se que um país pode importar produtos automotivos com isenção de tarifas de importação de outro país, até um limite estabelecido em função dos valores correspondentes das exportações. Assim, o aumento das importações passa a ser um importante determinante do crescimento das exportações.

Conclusão

Observa-se nos últimos três anos uma forte expansão da participação das importações no consumo doméstico. De um lado, esta expansão ocorreu em um período de expressiva valorização do câmbio. De outro, acompanhou um

movimento mundial de maior intercâmbio comercial entre os países.

A comparação entre países, no entanto, mostra que o coeficiente de importações do Brasil ainda encontra-se bem abaixo da média mundial. Na comparação com os demais países do grupo dos BRICs, o coeficiente brasileiro tem ficado acima do indiano, porém não vem acompanhando os fortes aumentos nos coeficientes da China e da Rússia.

Alta das importações está mais ligada ao aumento do consumo e das exportações que à substituição da produção nacional

No que tange à indústria de transformação, destaca-se o fato de o aumento do coeficiente de importações ter ocorrido em quase to-

dos os setores, entre 2003 e 2006. Os aumentos foram proporcionalmente maiores em setores intensivos em trabalho e menores em setores intensivos em escala e naqueles com tecnologia diferenciada ou baseada em ciência.

Os dados, porém, não apontam um movimento expressivo de desindustrialização da economia. Em média, nos setores com maior aumentos nas importações, o crescimento da produção nacional foi também maior. Portanto, a alta das importações está mais ligada ao aumento do consumo doméstico ou das exportações, do que a uma substituição da produção nacional por importados.

Também não se observa um movimento de concentração da produção em setores tradicionais. Setores como

³ Puga, F., "Câmbio afeta exportadores de forma diferenciada". BNDES, Visão do Desenvolvimento, n.9, 2006.

eletrônico; instrumentos médicos e ópticos; e veículos aparecem dentre os de maior crescimento industrial, nos últimos três anos. Parte dos aumentos de importação de veículos, por exemplo, está ligada a aumentos de exportação a partir de acordos comerciais, que estabelecem um mecanismo de intercâmbio compensado.

Trata-se sobretudo de uma mudança no perfil da produção brasileira, que é compatível com a forma diferenciada com que o câmbio afeta os setores. Aumentos das importações foram acompanhados por queda na produção em setores intensivos em trabalho, que têm uma parcela expressiva de gastos na moeda doméstica com mão de obra. A participação desses gastos no custo das

empresas aumenta com a valorização do câmbio. Já o melhor desempenho da produção em setores com tecnologia diferenciada ou baseada em ciência é condizente com a maior dependência de insumos importados, o que faz com que os setores sejam menos prejudicados pelo comportamento do câmbio.

Em suma, o cenário que se observa é de maior intercâmbio entre os países, em meio a uma conjuntura doméstica de valorização do câmbio, que vêm afetando os setores de forma diferenciada. Mantido esse cenário, o desafio estaria em definir políticas que levem em conta os custos econômicos e sociais decorrentes de mudanças na composição da produção.



O BANCO DO DESENVOLVIMENTO
DE TODOS OS BRASILEIROS

Se você quer receber os próximos números desta
publicação envie e-mail para
visao.do.desenvolvimento@bndes.gov.br.